

“Meu Tinder tá bombando!” Geolocalização, sociabilidade e vivências da sexualidade¹

Sheila Cavalcante dos Santos

Mestranda em Antropologia – UFPB

Palavras-chave: Tecnologia – Relacionamento afetivo-sexual – Aplicativos de celular

Resumo

A massificação da internet e o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) vêm diversificando as possibilidades de conexão entre pessoas desconhecidas com a finalidade do encontro íntimo, seja numa perspectiva de manutenção da virtualidade, seja tendo a expectativa de um futuro contato presencial. Recentemente, dispositivos móveis passaram a desempenhar um papel como meio de busca de parceiros/as em ambientes virtuais, a partir da criação de aplicativos (*apps*) de relacionamento por geolocalização. A partir desses *apps* o usuário pode buscar, flertar ou encontrar pretendentes em quaisquer hora e local, desde que conectado à internet. Hoje o brasileiro é um dos principais consumidores mundiais desse tipo de aplicativo. O tema dos aplicativos de celular que proporcionam conexões íntimas entre pessoas está na cena dos debates sobre a influência das TICs na dinâmica das relações sociais contemporâneas. A cena é ampla e está em constante mutação; o debate, distante de se esgotar. Dessa forma, propõe-se aqui trazer um panorama preliminar dos estudos feitos no país focalizando a utilização do meio virtual para busca de relacionamentos afetivos ou sexuais, em especial a partir do uso de aplicativos específicos. A necessidade de contextualizar culturalmente os impactos do uso dessa tecnologia nas experiências dos usuários brasileiros é o aspecto motivador central desta proposta.

Ambientando a discussão

O debate sobre as implicações das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na dinâmica das relações sociais não é novo, e está distante de se esgotar ou ser consensual. As novas TICs, a interconexão das redes e o vasto uso dos aplicativos móveis ampliaram as possibilidades de conexão entre pessoas desconhecidas com a finalidade diversas, inclusive o estabelecimento de relacionamentos afetivos e sexuais, tanto numa perspectiva de manutenção da virtualidade da relação como tendo a expectativa de um futuro contato presencial (PEIXOTO, 2004; GEHRKE, 2002; CORRÊA; AMARO, 2012). Desde os anos de 1990, ambientes digitais como chats, comunicadores instantâneos, redes sociais e site vêm sendo criados especialmente para a promoção de relacionamentos – flertes, namoros virtuais, relacionamentos à distância,

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

sexo casual, sexo virtual, namoros presenciais que tiveram início em algum desses espaços (CORRÊA, 2010).

Mais recentemente, a busca online de parceiros foi dinamizada com a criação de aplicativos – ou seja, softwares – para dispositivos móveis voltados a esse fim. Os *apps* de paquera², como passaram a ser conhecidos, são redes sociais que mediam a procura de pessoas com as quais se tenha afinidade e se possa relacionar afetiva ou sexualmente. Esses aplicativos combinam interação em tempo real, facilidade de uso, mobilidade do acesso e comodidade na procura. Um diferencial dos *apps* de namoro com relação aos demais ambientes digitais para fins de relacionamento é a possibilidade de o usuário buscar, paquerar ou encontrar pretendentes em qualquer hora ou local³.

Lançado em 2009, nos EUA, o Grindr tem destaque como o primeiro *app* de relacionamento a fazer uso do rastreamento de parceiros via geolocalização⁴. Gratuito, é voltado para o público masculino não-heterossexual e preencheu a então lacuna da falta de redes sociais direcionadas à promoção de encontros entre homens que queriam se relacionar com outros homens. A partir do recurso da geolocalização, o aplicativo acessa e compartilha dados geográficos do utilizador, possibilitando-o localizar e ser localizado por outros usuários num quadrante por ele especificado⁵.

Em 2012 o público heterossexual passou a usufruir de um aplicativo de encontro de pessoas por geolocalização, o Tinder, *app* norte-americano cujo objetivo, segundo os fundadores, é conectar pessoas com interesse comuns de modo simples e rápido, proporcionando interação virtual e possíveis encontros face a face. Talvez por esse motivo o programa rapidamente se popularizou como *app* de paquera para homens e mulheres de qualquer orientação sexual. O aplicativo interage com o Facebook⁶ o que, por um lado, confere maior credibilidade aos perfis e, por outro, informa parâmetros para a identificação de afinidades e amizades em comum entre os usuários.

² Neste artigo serão usados como sinônimo os termos aplicativos ou *apps* de namoro, *apps* de paquera, *apps* de relacionamento e *apps* de encontro.

³ Para uma discussão sobre apropriação e ressignificação do espaço a partir do uso dos aplicativos de paquera ver Maia e Bianchi (2013; 2014).

⁴ A geolocalização é um dos diferenciais dos aplicativos desse tipo em relação a outros modos online de buscar parceiros. É um recurso móvel de localização geográfica em tempo real por meio do Sistema de Posicionamento Global – GPS. Esse recurso está presente nos mais diversos programas para dispositivos móveis, possibilitando encontrar, por exemplo, comércios, serviços, ruas ou pessoas, como é o caso dos aplicativos de paquera. Cf.: <http://br.ccm.net/faq/14926-geolocalizacao-uma-tecnologia-para-melhor-se-localizar>.

⁵ Detalhamentos sobre o aplicativo podem ser encontrados em *O Grindr: eros em fluxo nos espaços híbridos*, de Reis e Costa (2014).

⁶ Rede social que conta atualmente com mais de 1 bilhão de usuários ativos, o que a destaca como a maior rede social do mundo.

Os aplicativos de namoro proporcionam um ambiente de caráter lúdico e estrutura semelhante ao jogo, mediado por interesses comuns nos quais pessoas em aparente igualdade de posições traçam suas escolhas, sendo locus propício para o exercício da sociabilidade, conforme os critérios estabelecidos por Simmel (2006). No caso do Tinder, a estrutura lúdica assemelha-se a um catálogo eletrônico, no qual o nome, a idade e a/s foto/s do pretendente ganham destaque, sendo possível, ainda, a inserção de um texto de apresentação. A impressão é a de estar em um jogo, onde ao visualizar um perfil do seu interesse o usuário pode dar um *swipe* (uma deslizada na tela) para a direita, em sinal de aprovação, ou para a esquerda, em sinal de desinteresse. Os mais interessantes podem ganhar um “Super Like” (deslizada da tela para cima), indicação ao outro que há um interesse de sua parte. Se o interesse não for mútuo, após um ou dois descartes (às vezes o *app* expõe mais de uma vez perfis descartados) o perfil não reaparece no menu do usuário. De outro modo, se houver interesse mútuo (uma combinação ou *match*, na linguagem do *app*), uma janela de *bata papo* se abre e ambos podem conversar⁷.

O Tinder chegou ao Brasil em 2013, e já foi baixado mais de dez milhões de vezes. Rapidamente o país se tornou um dos principais consumidores da aplicação no mundo. No país, atualmente, estão disponíveis gratuitamente nas lojas virtuais para *smartphones* diversos aplicativos relacionados, mais ou menos explicitamente, com a busca de parceiros afetivos ou sexuais.

Ao utilizar o Tinder, o *app* de paquera mais popular no Brasil, percebi que, apesar de ser uma prática íntima, era também compartilhada, na medida em que, por exemplo, outros/as usuários/as do aplicativo eventualmente trocavam experiências com amigos/as, ou mesmo as expunham em outras redes sociais. A partir de sua capilarização, as aventuras e desventuras mediadas pelos *apps* de paquera passaram a ser notícia na mídia nacional. As centenas de reportagens que se pode ler na internet acerca dos aplicativos dão mostras da multiplicidade de experiências possibilitadas pelo seu uso.

Não obstante, poucos foram os estudos divulgados até o momento acerca dos diferentes impactos do uso dos aplicativos de relacionamento no comportamento afetivo e sexual dos brasileiros. Estes se concentram em áreas como comunicação social, marketing, tecnologias da informação, educação ou mesmo nas ciências sociais

⁷ Para saber mais sobre a usabilidade do aplicativo, conferir: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2015/12/o-que-e-e-como-funciona-o-tinder.html>.

(CORRÊA, 2015; CAMARGO, 2015; CORRÊA; AMARO, 2012; OLIVEIRA; BARROS; GOULART, 2016; BALELI, 2015), muitos deles voltados para os usos dos *apps* entre a comunidade gay e bissexual masculina (COUTO; SOUZA; NASCIMENTO, 2013; REIS; COSTA, 2014; BRAGA, 2015; KELLER, 2015; REZENDE, 2015; MAIA; BIANCHI, 2013, 2014; MISKOLCI, 2014; GROHMANN, 2015).

Sem ter a pretensão de proceder a uma recuperação exaustiva do tema, esse artigo se propõe a fornecer pistas do panorama mais geral acerca da produção acadêmica na área no país, a partir de apresentação de alguns desses trabalhos. São leituras iniciais de estudos recentes, incluindo-se aí pesquisas ainda não concluídas. É um primeiro esforço de aproximação com o tema, e está inserido nos estudos para a elaboração de uma etnografia virtual que objetiva estudar a experiência afetiva dos usuários/as brasileiros de aplicativos para dispositivos móveis voltados para o relacionamento afetivo/sexual⁸.

Antes de passar aos estudos mais estritos, trarei um breve apanhado de estudos anteriores que retratam as modificações ao longo do tempo na dinâmica dos relacionamentos e comportamentos afetivos e sexuais no país, com a finalidade de ampliar a compreensão sobre a inserção das novas tecnologias comunicativas nos relacionamentos íntimos dos brasileiros.

Uns passos atrás: alguns estudos sobre relacionamentos no Brasil

O modo como os relacionamentos afetivos se constituem e modificam em face a transformações sociais mais amplas vem sendo estudado por estudiosos brasileiros em diversas épocas. Gilberto Freyre (2006), tratando em especial da região nordeste do país, olha para a relação entre as formas sociais e culturais brasileiras e a dinâmica das relações afetivas e sexuais, na constituição da organização social do período colonial ao Império.

Retrata os primórdios da colonização, quando as mulheres índias foram, segundo ele, oferecidas para o colonizador português como escravas sexuais e reprodutoras, o que resolvia o problema da falta de mulheres brancas na época. Um ponto alto de sua teoria é, entretanto, a adoção do termo família patriarcal para designar o modelo de

⁸ Este estudo está sendo desenvolvido no âmbito da Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, na linha de pesquisa Imagem, Arte e Performance, sob o título *Curtir X Não Curtir: Experiências afetivas em tempos de Tinder*, com orientação do Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury.

família estabelecida no período colonial. A família patriarcal estava no cerne das decisões mais importantes sobre o país, tendo sido peculiarmente forjada pelo sistema escravocrata. Nesse núcleo familiar senhorial, escravocrata e latifúndio-exportador, a relação com a manutenção ou ampliação das posses materiais e com o estabelecimento de alianças com fins econômicos, políticos ou sociais estava na base da escolha ou designação dos pretendentes. O poder de decisão era centrado na figura do patriarca, e a organização do todo social, para Freyre, estava organizada e era hierarquizada a partir da família patriarcal.

Contudo, essa forma familiar aristocrática da elite branca comportava o sadismo das ações de crueldade para com os escravos (FREYRE, 2006, p. 458-9) e das relações sexuais dos senhores com as escravas, numa demonstração da posição de poder daqueles sobre essas. Nas palavras de Freyre, “a virtude da senhora branca apoia-se em grande parte na prostituição da escrava negra” (Idem, p.450).

Samara (1988), pesquisando sobre as estratégias matrimoniais da população paulista do século XIX, atenta que entre as camadas mais baixas a escolha de cônjuges seguia critérios menos seletivos que o das elites. Mesmo assim, as uniões se davam preferencialmente entre as mesmas classes sociais ou grupos étnicos. Ou seja, os arranjos matrimoniais da época ocorriam em círculos restritos, tendiam a agrupar os indivíduos segundo sua posição socioeconômica e seguiam a critérios e valores morais de cada estrato social. Entretanto, isso não impediu uma junção de grupos sociais e raciais, ocorridas em uniões esporádicas e concubinagem.

Ainda tratando da família patriarcal, Duarte e Rocha-Coutinho (2011) ressaltam a obediência dos filhos para com as escolhas do patriarca sobre seus enlacs afetivos, que poderiam se dar em tenra idade – 12 anos para as moças e 14 para os rapazes. Em nome das questões econômicas e sociais, os casamentos poderiam ocorrer entre pessoas de idades muito diferentes ou entre parentes. O dote seria um elemento essencial para efetivar as uniões.

Esse modelo se mantém até meados do século XIX, sendo contraposto pelas modernizações trazidas pelo movimento higienista, que contesta a concepção tradicional de família, atentaram para a necessidade de modificação dos papéis tradicionais do homem e da mulher a importância da saúde dos pais para a manutenção da salubridade dos filhos. As críticas dos higienistas às práticas da família patriarcal e a prescrição de novas formas de proceder marcaram a paulatina substituição deste pela família nuclear

burguesa e a inserção do amor romântico como cerne dos relacionamentos conjugais (DUARTE; ROCHA-COUTINHO, 2011, p. 121).

A obra de Thales de Azevedo tem destaque ao demarcar as distinções e posições ocupadas pela paquera, namoro, noivado e casamento no Brasil, entre finais do século XIX e início do XX. Em *Fazer a corte no Brasil, o namoro e a paquera* (1978) o antropólogo chamava a atenção para o arrefecimento dos casamentos arranjados e a coexistência de duas modalidades de relacionamentos entre casais heterossexuais. Uma delas é o namoro, que passa por um controle social mais forte, tendo estreitas relações com a manutenção da honra feminina e o consentimento familiar, sendo uma forma de união entre iguais em status social que teria o casamento como fim. A outra, a paquera, modalidade menos ritualística e hierarquizada, expressaria mais marcadamente as modificações nos costumes, em especial a maior liberação sexual feminina. Sem ter o casamento como fim, nem manter compromissos com uma ética familistas ou com o controle de classe, a busca pela realização individual estaria na base da paquera.

Em ambos os casos, a livre escolha do seu par e o ideal de amor romântico são aspectos que demarcariam um novo padrão, que, embora possua finalidades semelhantes às do modelo tradicional, agrega o aspecto da aproximação afetiva sem a necessária assunção do compromisso definitivo. (AZEVEDO, 1978, p.125). Nele vê-se o declínio do poder familiar, patriarcal, e o crescimento do individualismo e autonomia dos sujeitos quanto aos seus desejos e realizações.

A escolha dos parceiros passou a ser pautada pela simpatia, atração física, correspondência afetiva, mas, valores ainda subordinados a grupos e/ou classes sociais, levando em consideração os ambientes que propiciam os encontros entre eles. (SILVA, 2002, p. 27)

Almeida, Vecchio e Lourenço (2015) apontam que ao longo do século XX o amor romântico persiste como ideal de relacionamento. O flerte, que já aparece na obra de Azevedo como uma tática de paquera em ascensão já no início do século XX, amplia sua possibilidade de acontecer e sua forma de atuação. Naquele momento o flerte se dava como uma troca de olhares que cria uma atmosfera excitante, e ocorria em espaços como a missa ou atos litúrgicos nos quais as jovens poderiam frequentar desacompanhadas dos pais. Já a partir da década de 30, com a prática do *footing*, os

passeios despreziosos pelas ruas centrais ou praças das cidades, os jovens se praticavam o flerte, o jogo de sedução da época, mais livremente.

Silva (2002) aponta alguns aspectos da vida moderna como facilitadores das modificações nos comportamentos e relacionamentos íntimos da época: as transformações das grandes cidades, que dispunham agora de meios de transporte mais rápidos e mais lugares para circulação dos jovens, e a maior permissibilidade para se frequentar tais espaços; as transformações sociais relativas ao trabalho feminino fora do lar; ampliação no uso de métodos contraceptivos; modificação na legislação relativa aos divórcios e as inovações em termos de comunicação.

Entre os anos de 60 e 80 a moral sexual brasileira passa a ficar mais flexível. A maior aceitação social de casais não casados soma-se á busca pelo prazer e liberdade característica dos movimentos hippies dos anos 70 e aos questionamentos da sexualidade da mulher pelo movimento feminista. As conquistas das mulheres são marcantes nesse momento e evidenciam o a ampliação da autonomia pessoal e financeira feminina: o maior controle pelo seu próprio corpo a partir da disseminação do uso dos anticoncepcionais, o aumento do seu grau de instrução, ampliação da participação no mercado de trabalho e questionamentos do seu papel social. A busca do prazer e o exercício da sedução, em especial a partir dos 80, ganham espaço nos relacionamentos íntimos.

Na década de 1990 “o namoro e o sexo incorporam-se às práticas afetivo-sexuais e são paulatinamente aceitos socialmente” (ALMEIDA, VECCHIO E LOURENÇO, 2015, p. 79). É nesse momento que a internet começa a ganhar espaço como uma opção no contato entre as pessoas. Site, salas de bate papo, ferramentas de comunicação instantânea surgem e aos poucos se popularizam como uma forma rápida de conhecer pessoas em localidades diversas bastando apenas o uso de um computador conectado a um provedor de internet.

A partir dos anos 2000 as redes sociais e os sites de relacionamento segmentados – voltados para um tipo de público, e não para os usuários em geral – começam a se destacar no mundo virtual. Se em seu início os sites de relacionamento pretendiam unir amigos reais no mundo virtual ou proporcionar o encontro de amigos de amigos, os sites de namoro focavam aproximar pessoas estranhas com interesses comuns⁹. Com a

⁹ Segundo o Google Sites: “Sites de relacionamentos é um serviço baseado na Web que permite aos indivíduos construir um perfil público ou semi-perfil público dentro de um sistema limitado, articular uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma ligação, ver e percorrer a sua lista de ligações e

chegada dos dispositivos móveis e o incremento do GPS, essa modalidade ganha um caráter ainda mais dinâmico: entre outros aspectos, permite a portabilidade e a objetividade (CAMARGO, 2015; CORRÊA, 2015).

“O aplicativo é o que você faz dele”¹⁰: alguns estudos recentes sobre relacionamentos íntimos e aplicativos de celular

A inserção dos aplicativos de celular no universo da busca online por parceiros amorosos e sexuais desencadeou uma recente onda de estudos sobre a interface entre ferramentas de comunicação e relações afetivas e sexuais. Trago a seguir uma breve revisão de estudos que contribuições contribuem com o debate.

O sociólogo Richard Miskolci é um dos pesquisadores dos usos contemporâneos das mídias digitais¹¹ em sua relação com as diferenças de sexualidade, gênero e raça/etnia que vem produzindo estudos recentes sobre o tema. No artigo *Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais* (2014), traça um paralelo entre suas pesquisas etnográficas em São Paulo e em San Francisco, correlacionando as demandas morais desses locais ao modo como sujeitos não-heterossexuais lidam com a visibilidade de suas vidas íntimas.

A partir do arcabouço teórico e das histórias dos seus colaboradores de pesquisa sobre usos de mídias digitais, em especial aplicativos de celular, na busca de parceiros amorosos e sexuais, o autor, dentre outros fatores, propõe que a mediação de mídias contribuiu para aprofundar a “desterritorialização” característica da sociabilidade homossexual paulistana. Para esses sujeitos, tais mídias têm como atrativo “preservar as relações homoeróticas em segredo e na intimidade mantendo a hegemonia heterossexual na vida pública e evitando conflitos e/ou retaliações sociais” (p. 65), o que pode ser lido menos como segredo e mais como uma estratégia de negociação.

aqueles feitos por outras pessoas dentro do sistema. A natureza e nomenclatura dessas conexões podem variar de local para local”. Para uma discussão sobre sites de relacionamento, redes sociais e sites de namoro, confira: <https://sites.google.com/site/historiasobreositesdebusca/historia-dos-sites-de-relacionamento>.

¹⁰ Frase proferida em entrevista por Justin Mateen, criador do Tinder. <http://www.gazetadopovo.com.br/tecnologia/tinder-muda-o-jeito-de-paquerar-virtualmente-47pjn69u5kmzjumfhfac6v2a6>.

¹¹ O autor conceitua mídias digitais como “o conjunto articulado de tecnologias da informação e seus suportes, portanto, englobando tanto a internet acessada por meio de computadores conectados à rede telefônica quanto *tablets* e *smartphones* conectados por meio da rede celular” (2014, p. 65).

Maia e Bianchi (2013; 2014) tomam os aplicativos Grind e Scruff¹² como locus de um estudo netnográfico, no intuito de abordar fragmentos culturais que “formam” uma sociabilidade popular e comunitária – as culturas das territorialidades gays, amplificadas pelo uso desses aplicativos de paquera – que contribui para o reconhecimento social e reconfiguração de territorialidades. Investigam as representações que corroboram com as múltiplas e novas concepções e inscrições espaciais (multiterritorialidades) vigentes no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, sua apropriação e resignificação pelos sujeitos do que chamam de territorialidade emocional, “as territorialidades que refletem a emoção, a sensibilidade do estar-junto” (p. 5).

Partindo de elaborações teóricas da sociologia e da comunicação, tomam as noções de sociabilidade de George Simmel e indicações de Maffesoli acerca de uma pós-modernidade cujo tônus é o sentimento e a experiência compartilhada, vistos através da estética, para tratar das ações culturais e das sociabilidades que reconfiguram espaços das cidades. Seguindo Haesbaert, tratam a territorialidade como “relações de domínio e apropriação do espaço”, dada pelo uso das materialidades e adoção de novas subjetividades compartilhadas no cotidiano.

Os aplicativos geossociais entram no jogo das interações entre os diferentes espaços online e offline como agentes agregadores e promotores de sociabilidade. Se afastando de uma análise em termos mercadológicos do uso desses aplicativos, os autores abordam seus diversos modos de apropriação e utilização e as potencialidades enquanto formadores de “coesão e auto-afirmação social”, produtoras de sentido e reconhecimento pelo ‘estar junto’, que se deslocam pela cidade, traçando rotas, desenhando mapas, criando uma cartografia dos sentimentos” (2013, p. 12). Através dos depoimentos dos interlocutores de pesquisa e da observação da dinâmica das redes, mostram jeitos de burlar regras e reapropriar espaços de trânsito – banheiros, aeroportos, rodoviárias –, reconfigurados simbolicamente em espaços de troca de experiências emotivas, romances e ludismo de prazer, a partir dessas ferramentas comunicacionais. A “pegação” proporcionada por elas pode ser passageira, mas não necessariamente fútil; pouco profundas, mas intensas.

¹² Apps de encontro para dispositivos móveis que se utilizam da geolocalização para promover a busca por parceiros amorosos e sexuais destinados aos homens não-heterossexuais. O Grind foi lançado em 2009 e o Scruff em 2010. O Scruff inova em relação ao Grind por permitir que o usuário faça *chekin* nos lugares onde passa, como um rastro para ser localizado por outros.

Já Baleli (2015), realizando um estudo etnográfico em sites de relacionamento e aplicativos de paquera, aborda a reconfiguração das relações sociais de mulheres adultas a partir da inserção, em seu cotidiano, de tais ferramentas tecnológicas. A autora aponta que a criação de perfis nas redes sociais representa uma corporificação de diferentes formas, uma “manipulação estratégica na construção de si” (p. 93). Pensa a relação real/virtual como fluxos, recusando-se a tratar os status on/off-line como dicotomias. O mundo inimaginável das possibilidades online, pra essas mulheres, e seu mundo real atuam como um continuum on/off-line, no qual os corpos se revelam e se escondem, são feitos e refeitos, movendo-se num jogo de prazer favorecido pelas interações online.

Trabalhado com as interfaces entre pedagogia e tecnologia e usando o arcabouço teórico da cibercultura, a partir dos conceitos de visibilidade, espetacularização do eu e hiperconsumo em torno da cultura digital, Couto, Souza e Nascimento (2013) analisam as expectativas e experiências de quatro usuários soteropolitanos dos aplicativos Grindr e Scruff. Partem do princípio de que a autopromoção é uma característica da cibercultura, e os aplicativos seriam vitrines virtuais nas quais os sujeitos circulam de modo acelerado. Assim, hiperexposição e consumo dos corpos na busca pelo prazer fugaz e imediato são os aspectos centrais da análise.

Os autores situam os aplicativos num novo momento da internet que chamam de web 3.0, cujas redes de sociabilidade não obedecem a barreiras geográficas e os fluxos são maleáveis e flexíveis, produzindo modos de vida denominados cultura da virtualidade real (nos termos de Lemos e Santaella), um mundo de mobilidade e constante conexão. Esse é o ambiente para a exposição dos corpos, afetos, sensações na vitrine virtual dos aplicativos de celular; estes inseridos no mercado de consumo do prazer sem esforço, da satisfação instantânea que caracteriza a lógica mercadológica desta época e permeia todos os espaços sociais, inclusive os relacionamentos íntimos. Na dinâmica do se mostrar, se vender para ser consumido, os sujeitos traçam exposições festivas de si mesmo, tornam-se auto-marqueteiros, espetacularizando o eu e a própria vida. “Os aplicativos *Grindr* e *Scruff* expõem a cultura do hiperconsumo presente em todos os segmentos da sociedade hiperconectada” (p. 9, grifos do autor).

A partir desse referencial teórico e dos depoimentos dos pesquisados, os autores concluem que as relações desenroladas nos aplicativos limitam-se à busca pelo sexo descompromissado e efêmero e pela exibição narcisística como gozo, seguindo padrões de visibilidade e hiperconsumo capitalista do século XXI. Apesar do ideal amoroso de encontrar o “cara certo” com quem se teria um relacionamento mais duradouro (este

seria um “discurso para vender um produto”), tais interações são valorizadas a partir de critérios como beleza, mobilidade, poder aquisitivo, compartilhamento do prazer em detrimento das dificuldades cotidianas e o exibicionismo voltado para o prazer na sedução e na populazridade virtual.

A partir da perspectiva da comunicação, Camargo (2015) também aborda o viés da exposição dos corpos e do seu consumo como objetos no mundo virtual, ao tratar sobre os modos como distintas mídias afetam o amor e as sexualidades atualmente. Para o autor, o corpo é “personagem, meio e teia de sentidos binários” – um binarismo biológico, da natureza humana, que por sua vez está inserido em outro, que é intrínseca e complementar relação entre natureza e cultura. A cultura também se estabelece em bases binárias, inclusive a *Web*, que demarca a existência de um “mundo real” e um “mundo virtual”. Os dois mundos estão simbioticamente interligados e, em analogia ao ocorrido com Narciso, seu reflexo na água, ou seja, o mundo virtual, “passa a ter uma importância maior e mais real que o seu Eu original. A web tornou-se um lugar para o imaginário, de certa maneira, realizar-se em diferentes níveis” (p. 47).

Destacando a web como uma ferramenta de reconfiguração de biografias, de construção de identidades, de outras realidades, realizações, representações, o autor apresenta alguns sites, blogs e aplicativos, uma teia na qual, segundo ele, amor e sexo são consumidos a partir da exposição de corpos que se tornam “moeda de barganha”, dispostos numa “estrutura mercadológica de produtos e serviços, (que) utiliza a mesma estrutura do discurso publicitário (...) quando todo tipo de pessoa está prestes a consumir outras pessoas mediadas por uma teia complexa de sentidos”. (p. 51)

Já a mestrandia em comunicação Raquel Cristina Melo Corrêa, no artigo *A Tecnologia Digital na Conformação da Experiência Afetivo-sexual* (2015), apresenta um tipo de experiência afetivo-sexual em ambientes digitais, a partir do uso do aplicativo Tinder. Partindo da hipótese de que a tecnologia tem papel ativo na constituição dos relacionamentos, não sendo apenas um elemento mediador, a autora procura avaliar as interferências do ambiente comunicacional na constituição de experiências íntimas. Faz isso a partir do viés da comunicação e sua tônica está na análise da tecnologia em sua relação com o humano, sendo orientada pelo referencial teórico pós-humanista, debatendo temas como a transorganicidade e as noções de ciborgue.

Considerações Finais

Os estudos aqui apresentados retratam o esforço de pesquisadores que se debruçam sobre um tema contemporâneo, que até pouco tempo era retratado em matérias jornalísticas apenas como uma novidade no mercado tecnológico – os aplicativos de paquera. Hoje essa ferramenta comunicacional chama a atenção por influir no modo como seus usuários se comportam frente aos relacionamentos íntimos. As análises aqui apresentadas, oras tratando da influência de aspectos socioculturais nas dinâmicas de operação dessas mídias, oras ressaltando as diferentes formas de agência dos sujeitos através delas, dão mostras das complexas tramas que se estabelecem a partir da sua inserção nas relações amorosas e afetivas. Os aplicativos de paquera forjam formas específicas e distintas de interação com o outro: é o encontro da pós-modernidade da tecnologia com as emoções, expectativas e vivências dos usuários. E através desses estudos esse emaranhado vai ganhando diversos significados.

Tais estudos atestam a necessidade de contextualizar os modos de uso e os impactos dessa tecnologia na dinâmica cotidiana dos usuários brasileiros, situando-a no ambiente da fluida rapidez pós-moderna. Entretanto, nesse panorama é ainda tímida a realização de estudos etnográficos feitos através dos paradigmas antropológicos. Realizar análises a partir de uma perspectiva antropológica certamente ampliaria o leque interpretativo sobre um tema que começa a ser explorado por outras áreas do conhecimento. Tal lacuna pode ser traduzida como um convite para que os antropólogos se lancem na busca de compreender as especificidades culturais e reelaborações pessoais envoltas nessas relações entre tecnologia e relacionamento íntimo.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, T., VECCHIO, T. C. Del, LOURENÇO, M. L. O desenvolvimento das relações amorosas: do início do século XX até os dias de hoje. In: **Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois**. Thiago de Almeida, (Org.), vol. 3. São Paulo: PoloBooks, 2015.

AZEVEDO, T. de. Fazer a corte no Brasil, o namoro e a paquera. In: **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**. n 30, 1978. pp. 117-126.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro; Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.

BELELI, I. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. *Cadernos Pagu*, n 44, jan/junho de 2015. pp.:91-114.

BRAGA, G. T. "Não estou cobrando o que eu não posso dar": masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. n. 21. Rio de Janeiro, set./dec. 2015.

CAMARGO, H. W. de. As teias e os corpos: ensaio sobre o amor e o sexo no tempo das tecnologias. In: **Consumo e modos de vida**. Hertz Wendel de Camargo e Sonia Regina Vargas Mansano (Orgs.) Londrina: Syntagma Editores, 2015. 2 ed. pp. 41-62.

CORRÊA, L.M.S.B. e AMARO, L. E. da S. Os relacionamentos femininos e as novas formas de interação social digitalizada. *Revista Ártemis*. v. 14, ago-dez, 2012. pp. 196-202.

CORRÊA, R. C. M. **A Tecnologia Digital na Conformação da Experiência Afetivo-sexual**. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, set/2015.

COUTO, E. S., SOUZA, J. D. F. de, NASCIMENTO, S. P. **Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura**. Performances Interacionais e Mediações Sociotécnicas. Salvador/BA, outubro/2013.

DUARTE, J. P.; ROCHA-COUTINHO, M. L. "Namorido": uma forma contemporânea de conjugalidade. *Psicologia Clínica*. vol 23, n 2, Rio de Janeiro, 2011. pp.117-135.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

GEHRKE, M.I.E. **Rotinas digitais de comunicação pessoal: internet e sociabilidade contemporânea**. Dissertação de mestrado: Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação/UFRGS. 2002.

Grohmann, R. **Não Sou/ Não Curto: sentidos midiáticos de masculinidade, feminilidade e classe social nos discursos de apresentação do aplicativo Grindr**. XIV Congresso Internacional IBERCOM. 29/março-08/maio, 2015.

KELLER, D. G., ARAÚJO, D. C. de, CORSO, A. Ciberterritórios e masculinidades: o papel do discreto no aplicativo Scruff. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 14, n. 27, jan./jul. 2015.

MAIA, J., BIANCHI, E. Tecnologia de geolocalização: Grindr e Scruff redes geosociais gays. *Revista Logos*. v. 2, n. 24, 2014.

_____. **A caçada começou: Tecnologia de geolocalização em aplicativos de redes sociais gays**. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus/AM, 9/2013.

MISKOLCI, R. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. *Bagoas*, n. 11, 2014. p. 51-78.

OLIVEIRA, R. S. de, BARROS, B. M. C. de, GOULART, G. M. As tecnologias da informação e comunicação na (des)construção das relações humanas contemporâneas: implicações do uso do aplicativo Tinder. *Revista Brasileira de Direito*. 12(1), jan./jun. 2016. pp. 88-99.

REIS, B. A. B., COSTA., R. R. da. **O Grindr: eros em fluxo nos espaços híbridos**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, João Pessoa, 15 a 17/05/2014.

REZENDE, R., COTTA, D. “Não curto afeminado”: homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade contemporânea. *Comunicação e cultura*. v. 13, n. 02, maio/ago 2015. p. 348-365.

SAMARA, E, de M. Estratégias matrimoniais no Brasil do século XIX. *Revista Brasileira de História*. v 8, n 15, São Paulo, set.87/fev.88. pp. 91-105.

SILVA, S. P. DA. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. *Caderno Cedes*, v 22, n 57, Campinas, ago/2002. pp. 23-43.

SIMMEL, G. **Questões Fundamentais da sociologia**. Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.